

Abatido no Vietnam do Norte

JOSEPH P. BLANK



ENQUANTO descia, em seu pára-quedas, a 65 quilômetros a noroeste de Hanói, a primeira reação do Capitão Roger Locher foi pensar: *Não pode ser!* Ser abatido era uma coisa que só acontecia aos *outros*. E, como outros aviadores, ele acreditara que isso nunca podia acontecer a ele.

Mas tinha acontecido. O nó que sentia na garganta era real. Como

também reais eram os dois MIG prateados que cortavam o espaço, a trezentos metros à sua frente. Depois, surgiram as árvores de uma floresta lá embaixo, e ele irrompeu através de ramos quebrados até parar, com as botas mal tocando o chão.

Alto e esguio, o rapaz, de 25 anos, havia decolado, naquela manhã de 10 de maio de 1972, de uma base

*Talvez não pudesse escapar,
disse para si próprio
o capitão, mas, sem dúvida
ele iria dar trabalho
ao inimigo, para capturá-lo*



aérea na Tailândia, e rumado para a área de Hanói. Era a sua 407.^a missão como navegador-operador de sistemas de armamento, e voara para evitar que os caças inimigos atacassem os bombardeiros norte-americanos. Sentado no banco de trás do Phantom F-4 líder, de dois tripulantes, Locher já tinha abatido dois MIG-21. Agora, enquanto os MIG se lançavam contra

os Phantoms, a oeste de Hanói, Locher destruíra o líder inimigo com dois mísseis. Dois outros aviões derrubaram mais dois MIG, quando o piloto de Locher gritou: «Fomos atingidos!» Enquanto as chamas envolviam a aeronave, e ela volteava desordenadamente no espaço, Locher gritou: «Vou ter que saltar.» Puxou, com força, a alavanca de ejeção, ouviu um estrondo ao ser lançado em direção ao solo, e perdeu a consciência durante alguns segundos.

Ao atingir as árvores, Locher estava perfeitamente lúcido. Sabia que os MIG tinham transmitido a sua posição, e o pára-quedas, que ele não podia desvencilhar da árvore, assinalava com precisão o local da queda. Apressadamente, desembaraçou-se das correias, e começou a subir uma colina, tentando não deixar nenhuma pista. Dentro de dez minutos, estava sem fôlego. Sentiu-se tonto, suas pernas estavam ficando bambas e os pés muito frios.

Estou desmaiando, pensou ele. Pare. Acalme-se. Mantenha-se consciente. Embrenhou-se na densa vegetação da selva, e deitou-se, com os pés mais altos que a cabeça.

Pensando sobre sua situação, concluiu que as coisas iam mal. Estava extremamente distante, ao norte. A área mais próxima, em que poderia ser recolhido por helicópteros, depois de usar seu pequeno rádio de emergência, para se comunicar com os colegas, que estivessem sobrevoando a região,

ficava a 145 quilômetros ao sul: 145 quilômetros!, pensou ele. *Esquivando-me e me escondendo. Tenho que procurar as montanhas. Andar pelo menos três quilômetros por dia. Quarenta e cinco dias. Sem comida. Terreno desconhecido. Mas vou tentar. Se eles quiserem me agarrar, vão ter muito trabalho.*

Encurralado. Bebeu vagatosamente uns goles de água, de uma garrafa em seu colete de sobrevivência, e ajustou o mosquiteiro sobre a cabeça. Com uma bússola e um mapa para se guiar, iniciou a caminhada para sudoeste. Cada passo devia ser verificado, para não deixar pegadas, ramos quebrados ou outros sinais que pudessem traí-lo.

Ao meio-dia, estacou subitamente. Ouviram-se gritos guturais, excitados, vindos exatamente na sua direção. Agachou-se embaixo de um arbusto fechado, e ficou quieto, enquanto o grupo de buscas se aproximava.

Lembrou-se de como as aves silvestres, amedrontadas pela aproximação dos seres humanos, tentavam fugir, e, com isso, se denunciavam. Disse para si mesmo: *Respire fundo. Não se entregue. Eles se esforçam para descobri-lo. Suou e rezou. Podia sentir o cheiro dos cigarros dos homens. Finalmente eles se foram.*

No dia seguinte, aconteceu outra vez. Ouviu gritos, ordens e fogo de rifles. *Estão tentando me assustar, espantando-me como a um faisão, pensou ele. Fique firme.*

Terão que pisar em você. De outra forma, jamais eles conseguirão encontrá-lo.

E quase o fizeram. Ouviu-se um barulho de folhas pisadas, quando dois homens se sentaram para descansar e conversar, a poucos metros dele. Depois de algum tempo se foram. Silêncio. Apurou os ouvidos. Será que estavam esperando por um movimento dele? Que foi aquilo? Um pássaro agitando folhas... ou um deles? Permaneceu no refúgio, durante o resto do dia, mexendo-se apenas para aliviar os músculos entorpecidos.

Mais Fácil Render-se. No terceiro dia, ligou o rádio para a frequência de socorro, e captou a conversa de pilotos que discutiam o pedido de um avião abatido, o qual teria anunciado que seus perseguidores estavam se aproximando, e pedia para metralharem sua posição. Ele preferia a morte ao aprisionamento.

Depois, a transmissão cessou, e Locher desligou o rádio. Ouviram-se grupos de busca a menos de duzentos metros, e ele continuou escondido. *Só faltava isto!*, pensou ele, enquanto arrancava, com indiferença, as sanguessugas que se agarravam a seu pescoço e pulsos. *Não andei mais que dois quilômetros em três dias. Mas, até agora, escapei deles. Talvez não consiga me safar, mas vamos ver durante quanto tempo posso retardar o inevitável.*

No dia seguinte, percorreu penosamente as encostas das montanhas, para cima e para baixo.

A água não era problema. Chovia noite sim noite não e, nas manhãs, ele tinha que se secar, tomando cuidado para evitar que as botas e meias se estragassem.

Mas não tinha comida alguma. Havia tentado três tipos de frutos silvestres. Dava uma mordida, e depois esperava meia hora para ver se produziam cáimbras. Mas mesmo assim, nunca conseguiu encontrar mais do que um punhado por dia.

Já sentia sua força se esvaindo. Seria tão fácil render-se. *Não*, continuou a dizer para si próprio, dia após dia. *Eles que venham pegá-lo.*

Búfalos. Pouco antes do alvorecer do 12.º dia, Locher encontrou um caminho bem batido em direção ao sul. Era um alívio delicioso, depois de cortar através da mata. De repente, ouviu vozes vindas na sua direção. Vários jovens estavam levando búfalos para pastar. Mergulhou na vegetação, rastejou alguns metros, e ficou quieto.

Os búfalos começaram a pastar, a uns quinze metros. O tempo passava com dolorosa lentidão, enquanto ele permanecia ali, hora após hora. Pouco antes do pôr-do-sol, ouviu as vozes das crianças outra vez. Tinham voltado para levar a manada de volta ao curral da aldeia. De repente, ouviu um dos animais resfolegar a alguns metros de distância, e um dos garotos bater nele com uma vara. O búfalo se recusava a arredar pé. Depois, resfolegou, e pisou num

ramo grosso, fazendo-o bater contra os tornozelos de Locher. Quando o animal andou, o rapaz pisou sobre o mesmo ramo, fazendo-o bater de novo nas pernas de Locher. Finalmente, silêncio.

Quando escureceu, Locher contornou cuidadosamente a aldeia, e dirigiu-se para a encosta da montanha mais próxima. Ajeitou uma cama feita de folhas. Acordou várias vezes, para arrancar sanguesugas. Cada sanguessuga deixava uma ferida sangrenta. Começou a cair uma chuva copiosa.

Andar ou Morrer de Fome. Enquanto se secava, de manhã, Locher estudou cuidadosamente o mapa. Em doze dias, não havia progredido mais do que onze quilômetros em linha reta. Não podia esperar ser recolhido tão ao norte do território inimigo; *tinha* de continuar a andar para sul. Mas, naquela direção, ficava a planície do Rio Vermelho, com cerca de trinta quilômetros de largura, e cheia de pequenas povoações. Era impossível encontrar onde se esconder.

Sem saber o que fazer, resolveu ficar no mesmo abrigo. A aldeia se estendia a quinhentos metros, lá embaixo, e ele podia ouvir nitidamente o gongo que controlava a rotina de trabalho: acordar, ir para o trabalho, intervalo para o almoço.

Os dias passavam em contínua sucessão. No 20.º dia, descobriu que estava definhando. Ao esfregar as nádegas encontrou apenas pele e osso; era impossível deixar de

pensar em comida. *Ou morro de fome aqui*, concluiu ele, *ou vou até aquela planície, tentar roubar comida.*

Compreendeu que, uma vez exposto no vale, seria quase certamente capturado. Começou a imaginar como seria a coisa, e prometeu a si próprio que se comportaria com honra.

Na noite do 21.^o dia, decidiu partir para a planície, aos primeiros alvares do dia. Assim determinado, sentiu-se em paz, e observou, com satisfação, uma lua cheia e amarela flutuar no céu. Saboreou a frescura do ar e o seu isolamento; significavam que ele ainda estava livre.

Uma longa e pesada chuva manteve-o acordado durante quase toda a noite, fazendo com que dormisse além da hora de partida. Ficou furioso consigo próprio, mas não poderia arriscar-se a passar perto da aldeia à luz do dia. *Mais um dia espantando os malditos mosquitos com uma folha de bananeira!*

Fisgado. Locher dormitou intermitentemente até avistar os relâmpagos produzidos por mísseis terra-ar, disparados de uma aldeia a uns treze quilômetros dali. Os artilheiros deviam estar disparando contra aviões norte-americanos. Mesmo que isso significasse revelar sua posição aos norte-vietnamitas, ele tinha de informar os camaradas de que estava vivo. Apertou o botão do rádio-transmissor, e disse: «Qualquer avião norte-americano que decifre *Oyster One Bravo*, por favor, confirme.» (*Oyster* era o

sinal de chamada do seu vôo, *One* indicava o avião líder, e *Bravo* tripulante do assento traseiro.)

Ligou a recepção e ouviu: «Prosiga, *Oyster One Bravo*.»

«Hei, rapaz, estou aqui embaixo há 22 dias. Transmite para a base que eu me encontro OK.»

«Vou passar o contato.»

Dez minutos mais tarde, Locher ficou espantado ou ouvir uma voz no rádio: «Forças de socorro a caminho.» Mas os MIG e um intenso fogo antiaéreo afastaram a primeira equipe de socorro. Locher compreendeu que os camaradas deveriam fazer mais uma tentativa, provavelmente na manhã seguinte.

Haverá um comitê de recepção à espera deles, pensou. Ao longo do dia, esforçou-se para ouvir o ruído de caminhões transportando grupos de busca. Às nove horas da noite ouviu realmente dois MIG aterrissando numa base aérea próxima. *Também eles sabem que alguma coisa vai acontecer amanhã*, pensou preocupado.

Na manhã do 23.^o dia de Locher no Vietnã do Norte, 38 caças a jato e a hélice, helicópteros e aviões de reabastecimento aéreo americanos largaram da Tailândia, para recolher o aviador que os esperava. Dois aviões fizeram contato radiofônico com Locher, e determinaram eletronicamente sua posição exata. Um dos pilotos disse: «Sabemos onde você está. Agora é só ficar quieto, aí mesmo. Vamos arrancá-lo daí, ó meu.»

Locher sentiu calafrios. *Deus os proteja. Não deixe que ninguém seja abatido por minha causa.*

Trinta minutos mais tarde apareceram dois helicópteros. Quando Locher fez brilhar o espelho de sinais, um deles veio em sua direção, enquanto o outro permanecia atrás, pronto para agir numa emergência. O aparelho líder pairou a quinze metros de altura, sobre Locher, e fez baixar um penetrador (dispositivo em forma de torpedo, com peso suficiente para furar a abóbada da vegetação selvagem). O fogo de armas automáticas irrompeu da aldeia, mas foi prontamente silenciado pelas minime-tralhadoras do helicóptero.

Locher rastejou até o penetrador, puxou vigorosamente para fora as correias, amarrou-se, abaixou uma tábua para sentar, e fez um alegre sinal de OK com o polegar para cima. Foi rapidamente fsgado para dentro do helicóptero, e dirigiram-se em seguida para a base. Vários MIG zumbiam no alto, mas faltava-lhes o número suficiente para

fazer frente à missão de salvamento, que voltou sem quaisquer baixas.

Foi uma aventura feliz para o Capitão Roger Locher, que havia perdido quinze quilos durante sua provação. Não sabia que, na história da guerra, tinha sido o aviador recuperado que mais tempo sobrevivera, e a tripulação do helicóptero não sabia que realizara, talvez, a missão de salvamento, que mais penetrara, com sucesso, no território inimigo.

Enquanto voavam à velocidade máxima e ao nível das árvores, ondulando sobre vales e colinas, usando a topografia do terreno para evitar os artilheiros inimigos, estavam orgulhosos de haver recuperado Locher, mas disfarçavam seu orgulho por trás de muitos gracejos, e se recusaram a deixar que o aviador expressasse sua gratidão. Tudo que Locher pôde fazer foi olhar para eles com um franco e grato sorriso, sem poder conter as lágrimas, que lhe escorriam pela barba, como demonstração de sincero agradecimento a seus salvadores.



POUCO ANTES de começar um sensacional jogo de futebol entre a Alemanha e a Polônia, no estádio de Hamburgo, notei que, a meu lado, havia um lugar desocupado, na primeira fila da tribuna de honra. Segundos antes de o juiz apitar o início do jogo, um garoto de uns oito anos apareceu correndo, e sentou-se ao meu lado, quase sem fôlego.

«Como conseguiu um ingresso nesse lugar?», perguntei.

«Papai é senador», disse ele.

«E onde está seu pai?», continuei perguntando. «Doente, viajando ou coisa parecida?»

«A esta hora, deve estar em casa, procurando o ingresso para o jogo.»

— H. W.-K.